

se misturam de forma inevitável, fato que talvez pudesse servir como indicador para uma possível resposta ao assassinato de sua mulher.

Por fim, vem a suspeita: estaria Althusser em pleno surto maníaco ao escrever este livro? Afinal, todos os textos foram escritos em poucos meses..., o estilo da escrita é veloz como um jorro de idéias maníacas... Mas, questionar ou mesmo (des)qualificar o texto a partir da psicopatologia tradicional não seria colocar novamente a pedra sepulcral da qual Althusser busca se livrar? Não seria empobrecer um texto e uma vida, re-

duzindo-a a uma nova impronúncia? Ao deixar-se levar pelos afetos e pela escuta do que não se submete à realidade dos olhos, o leitor estará acompanhando o autor ao levantar com muita propriedade a pedra que tampara sua vida. Pena que tenha sido um futuro muito distante, anos após a sua morte...

---

Marian A. L. Dias Ferrari é psicóloga clínica e mestranda do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP.

## DESCONSTRUINDO A NOÇÃO DE TEMPO

Maria Sylvia Porto Alegre

*História e memória*, Jacques Le Goff. Trad. Bernardo Leitão et. al., Campinas, Editora da Unicamp, 1990, 556 pp. (Coleções Repertórios)

O encontro entre o novo tempo da *história* e o velho tempo da *memória*. Suas interpenetrações e recorrências, seus paradoxos e ambigüidades. O alargamento do campo do saber e a ameaça de perder-se diante da magnitude do objeto. São esses os temas e os problemas que Jacques Le Goff coloca em discussão nesta coletânea de ensaios, originalmente reunidos para publicação na *Enciclopédia Einaudi*.

Somente um historiador do porte de Le Goff poderia enfrentar o desafio de pensar a relação da história e da memória com o tempo, desconstruindo esses dois conceitos

para recuperá-los de forma crítica, apoiando-se no diálogo entre a ciência histórica e as demais ciências humanas.

O autor parte da gênese do conceito de história para analisar três conflituosos pares de oposição: *Antigo/Moderno*, *Passado/Presente* e *Progresso/Reação*. Nessas categorias dicotomizadas estão contidos os principais elementos do pensamento ocidental sobre a temporalidade, carregados de um etnocentrismo cuja recuperação constitui o objeto central do livro.

Le Goff busca os sentidos da história e da memória valendo-se de uma teoria que

tenta dissolver tais dicotomias. "Toda história é história contemporânea" acredita ele, na medida em que o passado é apreendido no presente e responde aos seus interesses. Recorrendo à psicologia, à lingüística e à antropologia o autor procura então discutir as concepções individuais e coletivas sobre o tempo, para mostrar como a interação entre presente e passado é vivida e representada, envolvendo perdas, reconstituições, atualizações e revisões portadoras de múltiplos significados.

A intersubjetividade emerge, nessa perspectiva, como critério fundamental para resolver os problemas propostos. É no questionamento da 'objetividade' que Le Goff se torna mais instigante, ao reconhecer que há uma imaginação que torna o passado concreto, bem como uma influência deformante do presente na leitura do que passou. O lugar da cultura é particularmente enfatizado na interpretação das conexões entre história e memória, vistas a partir de grandes matrizes culturais que oscilam entre uma concepção cíclica e uma concepção linear do tempo. Por essa via é possível pensar não só as continuidades e rupturas mas também as descontinuidades, desvendando-se nesse movimento a multiplicidade dos tempos históricos e dos caminhos da memória.

A contraposição entre tempo cíclico e tempo linear é de especial importância nesse contexto. Não interessa a Le Goff referendar as querelas sobre o fim da história na era da pós-modernidade e sim captar a relação entre as idéias contemporâneas e essas duas matrizes diferentes.

A proposta de descentração metodológica leva-o a aprofundar a análise crítica do pensamento ocidental, onde a concepção linear do tempo vincula-se ao cristianismo,

ao evolucionismo e ao marxismo, produzindo a idéia de *decadência* em relação ao presente, sempre preterido em função ora de uma antigüidade modelar ora de um futuro utópico.

Igualmente sugestiva é a abordagem da modernidade do ponto de vista do campo semântico, no qual a consciência de 'moderno' oscila entre a exaltação do novo e a sua negação, resultando em antagonismos que se explicam pelas atitudes perante um passado que se deseja louvar ou denegrir. A subjetividade torna-se patente e alcança seu ápice com a noção de 'progresso', visto como evolução positiva que orienta os embates entre os domínios da modernidade e o que se exclui dela.

Fazem parte ainda dessa reflexão questões como a aceleração da história, a afirmação da razão em contraposição à autoridade da tradição, o papel do 'acaso' e das singularidades e outros temas relevantes para a compreensão das ambigüidades da construção do tempo pelos homens.

Tempo que inclui uma história lenta, de fases longas sem mundança significativa, que são geralmente vistas como a-históricas, embora sejam tão somente histórias de velocidades diferentes, evidenciando a multiplicidade dos tempos sociais

Na parte final do livro, Le Goff aprofunda a discussão inicialmente proposta, nos ensaios *Idades míticas*, *Escatologia* e *Calendário*. As noções de duração, de tempo vivido, de tempos relativos, de tempos subjetivos e de tempos simbólicos se interligam, numa tentativa de dissolver as fronteiras entre o 'velho' e o 'novo'. Aqui residem as principais contribuições do autor, mas também suas dúvidas, no sentido de compreender como a memória "atravessa a história e a alimenta", nas práticas sociais.

Inúmeras perguntas permanecem sem resposta, algumas delas de particular interesse para nós. Outras não chegam a ser claramente formuladas, como por exemplo o sentido do esquecimento, do silêncio, da negação e da ausência de passado, dos apagamentos da temporalidade. Do conjunto de ensaios tão oportunamente editados pela Unicamp fica, contudo, uma certeza: a da recorrência da noção de tempo, no seu duplo movimento de entender o passado pelo

presente e o presente pelo passado. O encontro proposto entre história e memória, desvenda, sobretudo, pistas, caminhos, desafios. E coloca novas perguntas sobre um tema que apenas começamos a formular.

---

Maria Sylvia Porto Alegre é doutora em antropologia, professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará.

### UMA PONTE ENTRE PSICANÁLISE E POLÍTICA

Celina Ramos Couri

*Pacto re-velado: abordagem psicanalítica de fragmentos da vida militante clandestina,*  
Maria Auxiliadora de Almeida Cunha Arantes  
Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica,  
PUC-SP, 1993, Dissertação de Mestrado

Em muitos sentidos pode-se dizer que o trabalho de Maria Auxiliadora é inusual. Quando, na universidade, em uma dissertação de mestrado em psicologia clínica, encontramos a descrição de fatos históricos recentes, que a todos nos tocaram? Quando a psicanálise é convocada para iluminar um ângulo sombrio destes mesmos fatos? Pois esta é a tarefa executada com acuro e inteligência no presente trabalho.

De início a autora nos descreve a movimentação de dois grupos distintos, nas décadas de 1960 a 1980: de um lado, A ação Popular (AP); de outro, basicamente, os militares.

Do primeiro destes grupos, nos são relatadas suas origens – católicas e militantes, seu ideário, cristão e revolucionário (Marx, Castro e Mao), seu âmbito de ação – o Brasil, sua história, constituída de alianças e rompimentos, debates públicos, sua articulação com partidos políticos e com o movimento estudantil, que chegou a presidir.

Com relação aos militares, o trabalho nos dá conta das circunstâncias que cercaram a deposição do presidente João Goulart, do caráter conspiratório das ações que antecederam este golpe, de seu ideário anti-comunista, e de suas articulações, multinacionais, civis e militares.